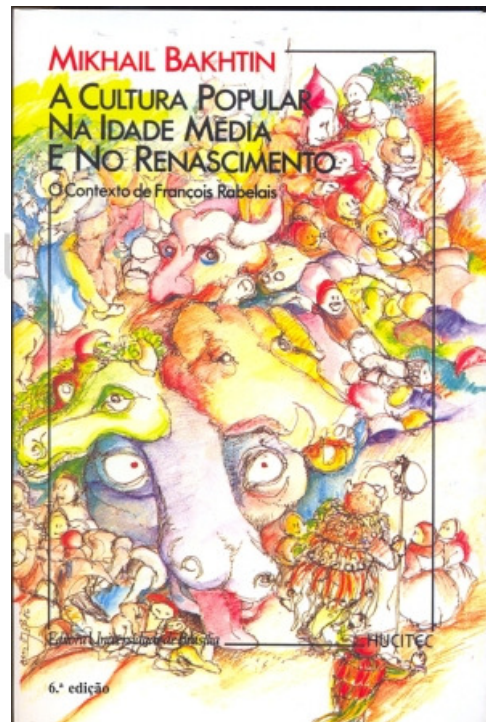


CULTURA POPULAR NA IDADE MÉDIA E NO RENASCIMENTO: REVISITANDO UM CLÁSSICO

André Luis Bertelli Duarte*
Universidade Federal de Uberlândia – UFU
andrebduarte@gmail.com

Uma das maiores obras de estética literária chega, no Brasil, à sexta edição, fato que, por si só, atesta sua importância e pertinência. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*: o contexto de François Rabelais,¹ do teórico da literatura russo Mikhail Bakhtin, explora um viés um tanto obscuro, para a crítica literária do período em que foi lançado, não apenas na obra de François Rabelais, mas mais fortemente nele: a influência das fontes populares. Desde seu lançamento na Rússia (1965), o estudo se tornou referência nos estudos literários, principalmente àqueles que se dedicam à história do riso e à cultura popular.

Na Introdução, ou “Apresentação do Problema”, Bakhtin revela o objetivo central: compreender a influência da cultura cômica popular na obra de François Rabelais, “seu eminente porta-voz na literatura”. Para tanto, se faz necessário estabelecer os limites da multiplicidade das manifestações da cultura popular. Segundo ele, as múltiplas manifestações dessa cultura podem



* Graduando em História pela Universidade Federal de Uberlândia e integrante do Núcleo de Estudos em História da Arte e da Cultura (NEHAC). Bolsista do CNPq.

¹ BAKHTIN, Mikhail. *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo/Brasília: Hucitec/Editora Universidade de Brasília, 2008.

subdividir-se em três grandes categorias: *as formas dos ritos e espetáculos* (festejos carnavalescos, obras cômicas representadas nas praças públicas, etc.); *obras cômicas verbais* (inclusive as paródicas) de diversa natureza: orais e escritas, em latim ou em língua vulgar; e *diversas formas e gêneros do vocabulário familiar e grosseiro* (insultos, juramentos, *blasões* populares, etc.).²

A primeira das três grandes categorias diz respeito aos festejos populares na praça pública e à presença determinante do elemento cômico na vida do homem medieval, em oposição ao tom sério e oficial das cerimônias da Igreja ou do Estado feudal. Segundo o autor, essas formas de ritos e espetáculos:

Ofereciam uma visão do mundo, do homem e das relações humanas totalmente diferente, deliberadamente não-oficial, exterior à Igreja e ao Estado; pareciam ter construído, ao lado do mundo oficial, *um segundo mundo e uma segunda vida* aos quais os homens da Idade Média pertenciam em maior ou menor proporção, e nos quais eles *viviam* em ocasiões determinadas. Isso criava uma espécie de *dualidade do mundo* e cremos que, sem levá-la em consideração, não se poderia compreender nem a consciência cultural da Idade Média nem a civilização renascentista.³

Com efeito, tal apontamento não deixa de direcionar uma crítica a todos os que buscaram compreender a cultura na Idade Média e no Renascimento, pois, ao não explorarem significativamente esta “dualidade do mundo”, não puderam compreendê-las senão parcialmente.

Ampliando os limites do que chama de *obras cômicas verbais*, Bakhtin expõe a existência de uma vasta literatura, em latim ou língua vulgar, cuja característica principal se encontra na concepção carnavalesca do mundo, e que utiliza amplamente essa linguagem. A forma cômica é exercida principalmente através das paródias, sejam de obras célebres da literatura sejam de cerimônias da Igreja ou do Estado. A literatura cômica latina atingiu seu apogeu, segundo o autor, com o *Elogio da Loucura* de Erasmo, no entanto, é estranho como Bakhtin parece ignorar a poderosa influência que o autor grego Luciano de Samósata exerceu sobre toda essa literatura cômica,

² BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008, p. 4.

³ Ibid., p. 4-5.

principalmente latina, inclusive sobre Erasmo, que foi o tradutor de grande parte de sua obra para o francês, e Rabelais.⁴

Os limites do vocabulário familiar e grosseiro na cultura popular da Idade Média só podem ser apreendidos nos festejos carnavalescos, onde a ordem católica e feudal séria podia ser rompida em detrimento de uma forma cômica, renovadora. Grosserias, palavras injuriosas, blasfêmias, juramentos, etc., impregnadas pela visão carnavalesca do mundo, dirigidos não somente uns aos outros, mas também às divindades, transcendiam o caráter puramente degradativo e adquiriam sentido regenerador e renovador da vida.

Todas essas características da cultura popular da Idade Média e do Renascimento, que vão convergir com a mediação do gênio de François Rabelais, estão permeadas pelo princípio da vida material e corporal, ou seja, ocorre um rebaixamento para o plano material e corporal de todas as coisas; esse fenômeno estético Bakhtin denomina de *realismo grotesco*. Nas palavras do autor: “O traço marcante do realismo grotesco é o *rebaixamento*, isto é, a transferência ao plano material e corporal, o da terra e do corpo na sua indissolúvel unidade, de tudo que é elevado, espiritual, ideal e abstrato”.⁵ Esse é um princípio fundamental para se compreender a obra de Rabelais em sua mais profunda totalidade, traço que os críticos, principalmente os românticos, não souberam explorar, deformando, segundo o autor, a essência do grotesco medieval: “O princípio do riso sofre uma transformação muito importante. Certamente, o riso subsiste; não desaparece nem é excluído como nas obras ‘sérias’; mas no grotesco romântico o riso se atenua e toma a forma de humor, ironia ou sarcasmo. Deixa de ser jocoso e alegre”.⁶ Portanto, o trabalho de Bakhtin procura resgatar não somente a essência do realismo grotesco na cultura popular na Idade Média e na literatura do Renascimento, como também a “verdadeira” face da poderosa obra de François Rabelais.

⁴ O crítico Eric Auerbach desenvolve rapidamente essa influência “lucifânica” na obra de Rabelais no capítulo *O Mundo na Boca de Pantagruel* em: AUERBACH, Eric. **Mimesis**: a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 2004.

⁵ BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008, p. 17.

⁶ *Ibid.*, p. 33.

A partir do capítulo 1, “Rabelais e a História do Riso”, Mikhail Bakhtin iniciará uma minuciosa análise da obra de Rabelais procurando desdobrar suas relações com a cultura popular, nos moldes que definiu anteriormente. Neste capítulo, o autor empreenderá um estudo que abarca a recepção da obra de François Rabelais entre os seus contemporâneos e durante os quatro séculos que os separam. A história da compreensão da obra rabelaisiana implica, necessariamente, uma relação com a história do riso nesse período. Os contemporâneos de Rabelais, mesmo surpreendendo-se com sua força e realização, não poderiam estranhar seu conjunto de imagens, pois “acolheram-no sobre o pano de fundo de uma tradição viva e ainda pujante”.⁷ No entanto, a partir do século XVII, com a gradativa retomada da noção aristotélica do gênero cômico como representação dos homens inferiores, difundida, em partes, pelo barroco e, mais amplamente, pelo classicismo, essa tradição perde sua homogeneidade. No século XIX, sobretudo com os românticos, a literatura renascentista e seu espírito cômico tentam ser retomados, mas, como já apontara Bakhtin, de uma forma subjetiva e estranha, sem qualquer relação com o realismo grotesco da cultura popular na Idade Média e da literatura do Renascimento, do qual Rabelais é o porta-voz. Essa análise de Bakhtin leva a um outro estudo acerca de Rabelais de autoria do historiador francês Lucien Febvre, *O Problema da Descrença no Século XVI: a religião de Rabelais*,⁸ no qual analisa os limites da descrença no século XVI e o debate em que se insere Rabelais a partir de sua obra. Sobre os anacronismos encontrados em críticas de “Gargântua e Pantagruel” posteriores, diz o historiador francês:

Historiadores, falemos sobretudo da adaptação ao tempo. Cada época fabrica mentalmente o seu universo, não só com todos os materiais de que se dispõe, todos os factos (verdadeiros ou falsos) que herdou ou que acaba de adquirir, mas também com os seus próprios dons, a sua engenhosidade específica, os seus talentos, as suas qualidades e as suas curiosidades, tudo o que a distingue das épocas precedentes. [...] Paralelamente, cada época constrói mentalmente a sua representação do passado histórico.⁹

⁷ BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008, p. 53.

⁸ FEBVRE, Lucien. **O Problema da Descrença no Século XVI: a religião de Rabelais**. Paris/Lisboa: Éditions Albin Michel/Editorial Início, 1970.

⁹ Ibid., p. 12.

Dessa maneira, as leituras “equivocadas” da obra de Rabelais, bem como a dissipação da unidade da cultura popular cômica nos séculos que as precedem, são partes integrantes de mudanças na concepção do riso e do mundo nos séculos que as produzem.

Do capítulo segundo em diante, Bakhtin parte para o interior da obra de François Rabelais para explicitar a presença dos elementos do realismo grotesco, esteticamente intrínsecos à narrativa. No próprio capítulo 2, “O Vocabulário da Praça Pública na Obra de Rabelais”, aparecem as imagens verbais e as gesticulações que integravam o jogo carnavalesco: “o drama cômico que engloba ao mesmo tempo a morte do mundo antigo e o nascimento do novo”.¹⁰ A praça pública é o local, e o vocabulário é o meio pelo qual ocorre o “rebaixamento” material-corporal de todas as coisas, num ciclo de renovação – morre na terra e renasce da terra. O terceiro capítulo é onde o autor analisa o todo imagético do realismo grotesco e sua presença na obra de Rabelais; ganham importância as imagens do parto, do ato de comer – que não estão desassociados como demonstra Rabelais no ato de nascimento de Gargântua –, o coito e as necessidades fisiológicas (principalmente urinar e defecar). Quando Alcofibras relata à Pantagrue a sua estada de seis meses no interior de sua boca, o gigante imediatamente indaga: “e onde cagavas?”. Esse conjunto de imagens está totalmente associado às imagens das festas populares e atos cômicos em praça pública.

O ato de comer, ou o banquete, é o tema principal do quarto capítulo. Não o comer e beber cotidianos, mas a comilança, o banquete da festa, característicos da bufonaria, que apresentam traços imprescindíveis à imagem total da festa carnavalesca; não pode haver festa popular sem o banquete. Segundo Bakhtin:

O comer e o beber são uma das manifestações mais importantes da vida do corpo grotesco. As características especiais desse corpo são que ele é aberto, inacabado, em interação com o mundo. É no ‘comer’ que essas particularidades se manifestam da maneira mais tangível e mais concreta: o corpo escapa às suas fronteiras, ele engole, devora, despedaça o mundo, fá-lo entrar dentro de si, enriquece-se e cresce às suas custas. *O encontro do homem com o mundo* que se opera na grande boca aberta que mói, corta e mastiga é um dos assuntos mais antigos e mais marcantes do pensamento humano. O homem degusta o mundo, sente o gosto do mundo, o introduz no seu corpo, faz dele uma parte de si.¹¹

¹⁰ BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008, p. 129.

¹¹ Ibid., p. 245.

No caso específico de François Rabelais poderíamos acrescentar que o homem digere o mundo, defeca o mundo, que da morte na terra, nasce novamente, completando o ciclo de renovação.

Nos capítulos 5 e 6 aparecem, respectivamente, os temas da imagem grotesca do corpo e do “baixo” material e corporal em Rabelais, temas que convergem e se completam no panorama geral do realismo grotesco. A imagem grotesca do corpo representa as relações do corpo com o cômico, através da maneira como o corpo é apropriado pelo cômico, como por exemplo, o nariz, cujo tamanho era diretamente proporcional à potência e o tamanho do órgão sexual masculino. A estas imagens grotescas do corpo associa-se o contato do homem com o mundo, com o “baixo” material e corporal. “O rebaixamento é enfim o princípio artístico essencial do realismo grotesco: todas as coisas sagradas e elevadas aí são reinterpretadas no plano material e corporal”.¹² Portanto, o efeito estético de toda a obra rabelaisiana se dá nesse rebaixamento para o corpo grotesco, que não contém um fim degradativo, mas sim renovador.

Finalmente, no sétimo capítulo do livro, Bakhtin explora “As Imagens de Rabelais e a Realidade do seu Tempo”, uma tentativa de situar historicamente a obra do autor francês no contexto do renascimento do século XVI. O importante a destacar é o caráter contestador da ordem oficial vigente do trabalho de Rabelais, em um século no qual o cristianismo era o próprio ar que se respirava, naquilo que chamamos Europa e que era a Cristandade: “Do nascimento à morte, estendia-se toda uma cadeia de cerimônias, de tradições, de costumes, de práticas – que sendo cristãs ou cristianizadas, ligavam o homem, à força, o prendiam, mesmo se pretendia livre. E continham, por consequência, a sua vida privada”.¹³ Por essa entre outras razões, Lucien Febvre demonstra o quanto é inoportuno denominar Rabelais como ateu. Apesar de contestador, Rabelais não se movia em terreno estranho, mas era o Prometeu de uma cultura ainda viva e homogênea no século XVI: a cultura cômica popular da Idade

¹² BAKHTIN, Mikhail. **A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento**: o contexto de François Rabelais. Tradução de Yara Frateschi Vieira. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008, p. 325.

¹³ FEBVRE, Lucien. **O Problema da Descrença no Século XVI**: a religião de Rabelais. Paris/Lisboa: Éditions Albin Michel/Editorial Início, 1970, p. 374.

Média, que a própria Igreja aceitava – apesar de às vezes não gostar – enquanto manifestação humana.

O trabalho de Mikhail Bakhtin, *A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*: o contexto de François Rabelais se apresenta, ainda hoje, como uma importante referência para os estudiosos da literatura, da história, da lingüística, dentre outros interessados, justamente por explorar de maneira magistral as influências que cultura popular e literatura exercem, mutuamente, uma sobre a outra. Transcendendo as influências estritamente literárias que uma obra exerce sobre outras, a obra de Bakhtin nos leva a repensar a literatura como elemento dinâmico da cultura como um todo. Para além do cânone ocidental, existe uma literatura amplamente arraigada às fontes populares.

